



PROCESSO SELETIVO 2017

Edital 24/2016 - NC – Prova: 26/11/2016

INSCRIÇÃO	TURMA	NOME DO CANDIDATO		
ASSINO DECLARANDO QUE LI E COMPREENDI AS INSTRUÇÕES ABAIXO:		<table><tr><td>CÓDIGO</td><td>ORDEM</td></tr></table>	CÓDIGO	ORDEM
CÓDIGO	ORDEM			

INSTRUÇÕES

Conhecimentos Específicos

1. Confira, acima, o seu número de inscrição, turma e nome. Assine no local indicado.
2. Aguarde autorização para iniciar a prova.
3. A prova desta fase é composta de duas questões de habilidade específica de Design.
4. A interpretação das questões é parte do processo de avaliação, não sendo permitidas perguntas aos aplicadores de prova.
5. Ao receber as folhas de sulfite A3 personalizadas, examine-as e verifique se o nome impresso nelas corresponde ao seu. Caso haja qualquer irregularidade, comunique-a imediatamente ao aplicador de prova.
6. Não serão permitidas consultas, empréstimos e comunicação entre os candidatos, tampouco o uso de livros, apontamentos e equipamentos eletrônicos ou não, inclusive relógio. O não cumprimento dessas exigências implicará a eliminação do candidato.
7. São vedados o porte e/ou o uso de aparelhos sonoros, fonográficos, de comunicação ou de registro, eletrônicos ou não, tais como: agendas, relógios com calculadoras, relógios digitais, telefones celulares, *tablets*, microcomputadores portáteis ou similares, devendo ser desligados e colocados OBRIGATORIAMENTE no saco plástico. São vedados também o porte e/ou uso de armas, óculos escuros ou de quaisquer acessórios de chapelaria, tais como boné, chapéu, gorro ou protetores auriculares. Caso alguma dessas exigências sejam descumpridas, o candidato será excluído do concurso.
8. O tempo de resolução das questões, incluindo o tempo para a apresentação final nas folhas de sulfite A3 personalizadas, é de 5 horas.
9. Ao concluir a prova, permaneça em seu lugar e comunique ao aplicador. Aguarde autorização para entregar a prova e as folhas de sulfite A3 com a apresentação final das respostas.

Design

DURAÇÃO DESTA PROVA: 5 horas.

Instruções específicas:

1. Você recebeu duas folhas de papel sulfite A3 (420 x 297 mm), que devem ser utilizadas para a apresentação final da solução das questões da prova. Essas folhas são personalizadas e não podem ser substituídas. Use uma das folhas para responder a questão 1 e a outra para responder a questão 2.
2. Você recebeu também 4 (quatro) folhas de papel para rascunhos, que podem ser utilizadas de ambos os lados. Todas essas folhas devem ser devolvidas no final da prova, tenham sido utilizadas ou não.
3. Para realizar a questão 1, use apenas lápis e/ou lapiseira, borracha e/ou limpa-tipos. Utilize a folha preferencialmente na posição horizontal (paisagem).
4. Para realizar a questão 2, use, para o esboço inicial, lápis e/ou lapiseira e borracha e/ou limpa-tipos. Para finalizar o trabalho, use canetas coloridas e/ou lápis de cor, obrigatoriamente. A folha pode ser utilizada tanto na posição horizontal (paisagem) quanto na vertical (retrato), de acordo com a intenção e a necessidade compositiva da ilustração.
5. Junto com as folhas, você recebeu cinco objetos para serem desenhados.

01 - Desenhe a grafite, de memória, em perspectiva, uma caixa de fósforos aberta até a metade. Em seguida, use os objetos fornecidos no início da prova e desenhe três palitos posicionados ao lado da caixa e mais dois posicionados atrás da caixa. Use o recurso de luz e sombra para destacar a tridimensionalidade dos objetos e as distintas características de suas superfícies.

02 - Crie uma ilustração colorida para a crônica reproduzida abaixo.

Sangue de árvore, seiva de gente

Luis Henrique Pellanda

Crônica publicada no jornal Gazeta do Povo em 08/11/2016

Numa folha avulsa, Kafka escreveu que muita gente, para não se afogar, flutua por aí agarrada a um traço a lápis. Sempre penso nisso na hora de produzir minha crônica semanal. A fim de me manter à tona, mesmo que à deriva, preciso ir me agarrando a essas coisas miúdas que a vida, caudalosa, leva de arrasto. Talvez por isso eu tenha criado o hábito de acordar cedo e logo ir à sala, erguer as cortinas. Subo os panos do mundo como o faria o velho funcionário de um teatro, íntimo de sua maquinaria. Com aquela esperança meio rotineira, e já um tanto débil, de finalmente estar descortinando um bom espetáculo.

Às vezes funciona. Certa manhã, descobri, lá embaixo, uma ameixeira carregada. Nunca a tinha visto antes e, realmente, ela nem chega a ser notável. Ainda mais se comparada à vegetação do Passeio Público, que domina a vista do meu apartamento. É uma ameixeira discreta, incapaz de competir com os plátanos e os jacarandás da vizinhança. Isso, porém, não a impede de se erguer, honesta, ciente de suas funções biológicas, rente ao muro do Círculo Militar. A três metros do chão, abre-se numa copa escura e se espalha sobre a calçada da Conselheiro Araújo, sem, no entanto, alcançar o asfalto. Frutifica e faz sombra, e esse é o trabalho que se espera de uma árvore.

Nas noites limpas, um homem — ou pelo menos aquilo que, a distância, se assemelha a um homem — dorme debaixo da ameixeira. De modo que, pela manhã, ao erguer as cortinas, a primeira coisa que vejo, se não estiver chovendo, é um homem dormindo. Alguém que não procura uma cama de albergue. Que desdenha do abrigo precário das marquises e da companhia noturna de outros homens. Um homem que simplesmente prefere a árvore.

Mas, afinal, o que vem a ser um homem deitado sob uma árvore? Dentro do grandioso esquema da natureza, ele nada mais é do que um traço horizontal. E a árvore, opondo-se a ele, seria, por sua vez, um traço vertical, que se expande em direção ao céu, ao mesmo tempo em que se lança às profundezas, atrás de alguma estabilidade. Debaixo da minha janela, portanto, um homem e uma árvore amanhecem, todos os dias, transfigurados num belo e atraente ângulo reto.

Ao redor daquele homem e de seu sono, é normal que se acumulem várias ameixinhas amarelas, maduras demais, caídas durante a madrugada. Assim, visto daqui de cima, o homenzinho até parece encantado, adormecido em meio a moedas de ouro. E essa imagem insólita me faz lembrar de uma fábula italiana, nem sei se conhecida, acerca de um jovem tão preguiçoso que, ao cochilar boquiaberto sob uma figueira, apenas aguardava a queda dos figos. Quando acontecia de um cair em sua boca, ele o engolia devagar e sem esforço, mantendo-se satisfatoriamente vivo.

Só que não, aqui não se trata de preguiça, embora tenha a ver, sim, com a necessidade de se preservar alguma vida. Esse homem e essa ameixeira são apenas dois traços diante da minha janela, disso não há dúvida. Mas eles também sonham juntos, talvez com uma intersecção, um ponto onde seiva e sangue se encontrem e misturem, engrossando ainda mais a violenta correnteza das coisas.